

Os bem-aventurados anônimos

Nair Lacerda

Colaboradora

Os anônimos, por muito que sejam úteis, nunca recebem palavras de louvor ou de agradecimento. Entretanto, quanto devemos a muitos deles em nossas vidas. Não será um recorte de jornal que vá lhes dizer tudo o que merecem. É mais para mim mesma, para pensar que pelo menos neste recorte de jornal ficam impressas as palavras de gratidão e reconhecimento de seu trabalho.

Bem-aventurados os que, entre a confusão das lutas políticas, dos crimes contra a economia popular, das reformas e reorganizações, continuam lançando à terra as sementes, estudando o combate às pragas que as inutilizam, tentando cruzamentos que as beneficiem, obtendo novos tipos de alimento, lançando novas qualidades de inseticidas e fungicidas.

Bem-aventurados os que passam seu dia curvados para o chão, na humilde lavratura de sua horta, empilhando em grandes caminhões todo o tesouro, verde ou dourado, que acumularam, dia-a-dia, sol a sol, arrancando-o da terra com as próprias mãos que ali haviam deitado a semente. Bem-aventurados, principalmente, aqueles que mal recebem a recompensa, retida em outras mãos, ávidas e distantes, que a dividem em seu proveito.

Bem-aventurados os que criam abelhas e nos presenteiam com a riqueza do mel. Bem-aventurados os que, pela madrugada, ouvem o doido cacarejar das poedeiras, que anunciam alimento para o homem. Bem-aventurados os que, passo a passo, religiosamente, pacientemente, vão abrigando em casulos transparentes a fartura das frutas que nos devem chegar intactas e seivasas.

Bem-aventurados os que podem contemplar o mar verde dos arrozais, a sinfonia bailarina dos canaviais, o exército disciplinado dos cafeeiros em flor e em fruto. Bem-aventurados todos esses, porque lutam a grande luta contra a fome, contra a esqualida senhora que mata dois terços da humanidade.

Bem-aventurados os que ensinam, os que desvendam os mistérios das letras, os que contam as histórias das muitas terras e das muitas gentes que as habitam e os que mostram como cresce à árvore e como se comportam a água e o fogo.

Bem-aventurados os que transmitem a arte de curar e a arte de construir. E bem-aventurados os que curam e os que constroem. Bem-aventurados todos esses, porque lutam contra a ignorância, outra senhora que atinge também dois terços da humanidade.

Bem-aventurados os que mostram a cor e o traço, fazendo arte. Bem-aventurados os que mostram o som e a palavra, fazendo música e poesia. Bem-aventurados os que trabalham o ferro, o bronze, o mármore e o barro, fazendo forma. Bem-aventurados os que mostram a criação do homem em sua desesperada angústia de chegar a Deus.

Bem-aventurados os que dão seu tempo e seu amor aos que não têm amor, aos órfãos, aos enfermos, aos abandonados, aos maus. Bem-aventurados porque ouviram, em meio ao tumulto, a voz que chama os trabalhadores para a Seara Eterna.

Bem-aventurados os que cantam o amor e a paz, a beleza da terra e a fascinação do céu. Bem-aventurados os que do chão áspero tiram a glória das flores, e as espalham em dádiva perfumosa, para as coisas que têm beleza viva, que nascem, crescem e morrem como os homens. Mas que, ao contrário dos homens, dão apenas colorido, beleza e perfume.

Bem-aventurados os que dizem, apesar de tudo, as palavras de fé e de esperança, as palavras que acalmam temores e adormecem decepções.

E bem-aventurados os que sofrem e choram, mas continuam a crer e a amar.

(noivas)